

LEITURA E ESCRITA: QUAIS SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO MÉDIO?

Ariceneide Oliveira da Silva

RESUMO: O presente trabalho pretende contribuir nas reflexões sobre leitura e escrita, os seus objetos de estudo, as contribuições do professor leitor e as implicações da leitura e escrita na vida do educando no Ensino Médio, período que corresponde aos três últimos anos da Educação Básica e, que visa o pleno domínio das habilidades de leitura e escrita do cidadão, ou seja, nesta fase final da Educação Básica, o aluno deve demonstrar sua competência leitora de modo efetivo e sua escrita também. Para isso, é preciso contribuir para que a prática pedagógica do professor seja eficaz e, que o mesmo seja leitor e escritor, pois ele deve contribuir com o encontro entre o aluno e a leitura e suas implicações na sociedade após etapa final do Ensino Médio. Para discutir a temática foram consultados teóricos da área como: Orlandi (2015), Calvino (2004), Coracini (2002), Lajolo (1989), Kleiman (2000), Guimarães (2000), Zilberman (1991), Silva (1988), Aguiar e Bordini (1988), dentre outros. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Concepções de leitura. Objeto da leitura. Ensino Médio, Professor.

ABSTRACT: The present work aims to contribute to the reflections on reading and writing, its objects of study, the contributions of the reading teacher and the implications of reading and writing in the life of the pupil in High School, a period that corresponds to the last three years of Basic Education and that aims at the full mastery of the reading and writing abilities of the citizen, that is, in this final phase of Basic Education, the student must demonstrate his reading competence effectively and his writing as well. For this, it is necessary to contribute to the effective pedagogical practice of the teacher, and to be a reader and writer, since it must contribute to the encounter between the student and reading and its implications in society after the final stage of High School. In order to discuss the theme, theorists were consulted as Orlandi (2015), Calvino (2004), Coracini (2002), Lajolo (1989), Kleiman (2000), Guimarães (2000), Zilberman (1991), Aguiar and Bordini (1988), among others. The methodology used was the bibliographic survey.

KEY WORDS: Conceptions of reading. Object of reading. High School, Teacher.

1.INTRODUÇÃO:

Este artigo propõe uma reflexão sobre o ensino de leitura e de escrita no Ensino Médio, período fundamental e decisivo na vida do educando, pois é o momento em que o aluno está se preparando para exercer sua cidadania e aplicar as habilidades e competências acerca da leitura e da escrita, as quais foram desenvolvidas durante toda a Educação Básica. Por isso, nesse momento o professor de Língua Portuguesa e Literatura deve oferecer alternativas para a aproximação entre o conhecimento escolar – leitura, e as práticas sociais em que o aluno está inserido. Cabe, então,

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

entender quais as concepções de leitura e de escrita, os seus objetos e quais as implicações das mesmas na vida social. Daí a importância do professor leitor e escritor nesta fase final da Educação Básica. Uma vez que a leitura e a escrita oferecidas no Ensino Médio são as leituras das obras pertencentes aos movimentos literários, e a escrita é a que se propõem nos exames nacionais como vestibulares e ENEM, pois estes são conteúdos de grande relevância para os alunos que desejam ingressar no mundo acadêmico. Além disso, a leitura dos textos literários é de grande importância para o conhecimento histórico-cultural e social, como também este tipo de leitura proporciona uma riqueza do modo estético de trabalhar a linguagem. Essa questão estética está ligada ao estudo da arte e do belo e à apreciação artística. E a escrita assegura ao cidadão exercer sua cidadania comunicativa. Isso significa que ele precisa saber ler, escrever e entender a diversidade de gêneros textuais que a sociedade oferece no momento, principalmente, com o advento das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação. E ao concluir os três últimos anos da Educação Básica, o jovem deve estar apto a realizar qualquer tipo de leitura que o mundo de trabalho possa oferecer.

Então, cabe ao professor de Língua Portuguesa e Literatura – profissional este, que também deve ser leitor e escritor efetivo, inserir este jovem nesse processo de “letramento” oferecendo os mais diversos gêneros textuais para corresponder às necessidades do mundo atual. E, sendo o texto o objeto da leitura, cabe também entender a concepção de texto que corresponde tanto ao oral como ao texto verbal. O importante é que o aluno compreenda que cada especificidade de texto requer uma habilidade ou um conhecimento de suas características. E tais habilidades dependem do gênero textual com o qual o aluno irá realizar a leitura ou a escritura. Sem as características próprias de cada gênero, o aluno não estará apto a prosseguir com a leitura e escritura crítica.

2. LEITURA E ESCRITURA: CONCEPÇÕES

A leitura é algo mágico e encantador que ultrapassa os signos linguísticos, vai além da decodificação, mexe com todos os sentidos do ser humano, ativa o raciocínio, dá vida ao pensar, e enche de alegria quem descobre os sentidos das letras. Quando um homem descobre que já consegue decifrar os enigmas das letras, ele redescobre o sentido da vida dos signos linguísticos, isso acontece principalmente para quem aprende a ler depois de adulto, só ele pode relatar a emoção que sente quando consegue desvendar o segredo das

palavras. Essa é uma das concepções de leitura mais divulgada no senso comum. Mas vamos às concepções dos estudiosos.

Para Martins (1984, p.31) existem duas concepções sintetizadas sobre o conceito de leitura:

como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana)” e “como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. (perspectiva cognitivo-sociológica).

Com o processo de decodificação a leitura não faz sentido, pois ela não traz prazer, ela não significa, não emociona, nem envolve o leitor, esse é um tipo de leitura mecânica, que corresponde apenas ao sentido das palavras como dicionarizadas. Mas a leitura da compreensão, essa dá prazer, envolve o leitor com toda sua magia que as palavras têm, além disso, mexe com toda a estrutura humana desde o conhecimento de mundo, até o emocional, com os sentidos humanos, sua história, com o social e cultural da pessoa.

Assim, Maria Helena Martins (1984, p.32) nos mostra “que decodificar sem compreender é inútil e compreender sem decodificar fica impossível”. Isso significa que a leitura pode ser vista como um processo de interação entre os componentes no ato de comunicação, conforme aponta Kleiman (2001, p.17), que “a leitura é considerada um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem a todo momento com o que vem da página para chegar a compreensão”, ou seja, a leitura é um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido, leitor-autor-texto afirma Coracini (2002). Assim, a leitura deve ser entendida não do ponto de vista de decodificar, mas de compreender, receber a mensagem, compartilhar conhecimento.

Partindo desse ponto de vista, a leitura não só é algo mágico que nos dá prazer, como também, é algo que dá destaque para quem a domina, o difere na sociedade, o caracteriza, o possibilita uma posição especial diante daqueles que não têm uma certa intimidade com a leitura. Essa intimidade com a leitura faz entender que o ato de ler é

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

algo maravilhoso; é algo que nos faz descobrir um mundo maravilhoso e encantador capaz de envolver o leitor com toda a estrutura humana, seja ela, emocional, racional ou corporal. Isso porque a leitura de um texto ativa todos os nossos sentidos, e se processa de maneira diferente em cada ser. Sobre este fator, Martins aponta que existem uns “aspectos básicos do processo” para a realização da leitura. Segundo esta autora “esses aspectos se relaciona à própria existência do homem, incitado a fantasia, o conhecimento e a reflexão acerca da realidade” (MARTINS, 1984, p.36). Isso acontece porque o homem não é vazio, ele está inserido em um contexto sócio-cultural, ele vivencia sua história e a recria a partir de suas fantasias e seus sonhos já que existe um envolvimento entre texto e leitor, a autora ainda nos convida a pensar a leitura em três níveis básicos: “sensorial, emocional e racional” como foi citado acima. (1984 p.37).

Iser (*apud* LIMA, 1979, p.88) diz que a leitura deve ser vista da ótica do preenchimento de ideias, nesta perspectiva o autor mostra que “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo da leitura”. Partindo desses pressupostos, a leitura depende das relações de interação de quem a faz, revestida de um novo significado no seu contexto. Para isso, é importante que o leitor defina etapas para desenvolver boas leituras. Isso requer do interlocutor uma preparação prévia, ou seja, essa preparação significa selecionar o que vai ser lido, fazer previsões e imaginar o que está escrito. Em seguida, iniciar a leitura procurando analisar o contexto e a intencionalidade de quem o escreveu. E por fim, confrontar as expectativas depositadas na leitura com as informações e intenções do autor, ou seja, leitura é cumplicidade, preenchimento de lacunas em um texto a qual foi deixada pelo autor.

Para corroborar com as concepções sobre leitura contamos com a ideias de Coracini (2002, p.15), a qual afirma que “o ato de ler é visto como um processo discursivo no qual se inserem os sujeitos produtores de sentido – o autor - e o leitor – ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos”, isto significa que ler constrói uma interação de sentido entre quem lê e quem escreve. Kleiman (2000, p.10) confirma essa visão sobre leitura, quando aponta a leitura como “um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor-que interagem entre si, obedecendo a objetos e necessidades socialmente determinados”.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (1997) é a leitura que fornece a matéria-prima para a escrita, ou seja, ela aponta o que escrever ou contribuir para como escrever, isso significa que ela vai se modificando e se transformando ao longo da trajetória, uma vez que os autores recentes percorrem outro caminho, um novo tempo e um novo espaço cultural. Assim, aquelas leituras que serviram de fonte para os textos, vão também se renovando com as diferentes visões e roupagens que recebem pelo novo autor que está situado em um novo contexto social.

Veja o que informam os PCNs de Língua Portuguesa a respeito da necessidade da prática de leitura: já que ela fornece a matéria-prima para a escrita:

... a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, contribui para a construção de modelos: como escrever. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. 1997. V.2, P.53.)

Uma vez que os PCNs deixam claro que a leitura é a base para quem quer desenvolver uma boa escrita, e que ler e escrever são atividades que se complementam, a escola deve abrir espaço para a formação de bons leitores e escritores. Isso vai depender do interesse e entusiasmo do responsável pela turma ao demonstrar o seu gosto pela leitura, pois ninguém ensina a ler, mas motiva a gostar de ler e a descobrir o mundo encantador da leitura é identificar-se com o apaixonado mundo imaginário e nele realizar os seus desejos. Por isso, é importante considerar a leitura como um processo interativo no qual o leitor se comunica com o autor mergulhando em seu contexto e ativando o seu conhecimento de mundo. E, é por meio de leituras que os alunos encontram inspiração para produzirem seus textos, uma vez que a leitura ativa o seu imaginário e enriquece o vocabulário, amplia o conhecimento linguístico e o campo semântico fornecendo a matéria-prima para a escrita de suas novas histórias. Portanto, o professor deve oferecer aos leitores uma rica e vasta escala de leitura, ou seja, os textos devem ser variados para que os alunos tenham a oportunidade de discernir o que escrever e ter meios e exemplos de como escrever como visam os PCNs (1997).

A leitura é um momento mágico de descobertas e interpretações sobre a vida e sobre o mundo, o ato de ler dá autonomia e segurança diante da vida. Mais uma vez é importante trazer Martins (1984, p.22) para corroborar com tais ideias quando diz que:

...saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação essa que visava não só aos desenvolvimentos das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Sem a prática de leitura torna-se difícil à escrita de novos textos. Portanto, faz-se necessário que os nossos alunos saibam e internalizem que ler é indispensável no decorrer de sua vida escolar, além de reconhecerem a necessidade de eles amadurecerem a visão sobre a importância da leitura, já que estão sujeitos à produzirem a todo o momento. E o ato de escrever requer uma releitura e uma (re)escritura, porque um texto passa por um processo de aperfeiçoamento. E esses dois elementos são necessidades básicas que marcam uma boa educação desde os gregos e romanos.

Daniel Pennac (1993, p.84) escreve que “se a leitura não é um ato de comunicação imediata, é certamente, é um objeto de partilhamento”, você se enche para se dar, para partilhar o que recebeu e contagiar o outro com suas novas conquistas de mundo. A “leitura” nessa perspectiva também pode ser vista como um processo de decodificação de palavras não com um fim em si mesma, mas com a finalidade social, de partilhamento.

O autor Ivan Ângelo (*apud* SILVA, 1988, p.43) diz que “ler é um ato libertador”, e segundo Silva (*idem*) isso acontece porque “um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem”, ou seja, a pessoa que tem laços íntimos com a leitura desenvolve uma visão crítica do mundo que a cerca, não se deixa manipular, constrói a sua trajetória e conquista seu espaço por meio da expressão de suas ideias e é capaz de seduzir por seu discurso. E segundo este autor apesar do mundo visual das imagens e das cores, “optar pela leitura consciente e crítica de uma determinada obra, já significa um desejo de sair da rotina robotizante [...]” (*idem*, p.48). Esta concepção de leitura como um ato libertador, já seria o motivo maior para se buscar a competência leitora.

Como se discutiu acima, a escrita é uma necessidade básica do cidadão nesse novo cenário social. Mas como conceituar a escrita? O texto é a materialização do pensamento e exige alguns processos: o planejamento, a produção e a revisão. Portanto ensinar a produzir ou dá o espaço para produção da escrita em sala de aula é permitir a concretização da linguagem, a materialização do abstrato. Para Eni Orlandi (2015, p.61) o texto é o material simbólico, material linguístico que servirá de interpretação para a Análise do Discurso, visto que partindo desse *corpus* – texto - o analista, na sua função o remete a um discurso. Como isso acontece? O texto revela sua face do discurso quando passa pelo processo da discursividade, ou seja, “quando se explicita em suas regularidades, pelas suas referências de formas discursivas que vai ganhando sentido pela sua formação ideológica” (ORLANDI, idem). Logo o texto material simbólico é também constituído de ideologias, e o cidadão deixa nos textos as suas marcas ideológicas.

2.1 LEITURA, QUAL O SEU OBJETO? PARA QUE SE LÊ?

Como a leitura é realizada a partir de um texto, seja ele verbal ou não verbal e que está inserido num determinado contexto, para Guimarães (2000, p.14) “a palavra texto tem um sentido amplo que remete a um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno”. Logo, o objeto de leitura pode ser apresentado nos mais diversos gêneros textuais na pós-modernidade, principalmente, com o surgimento das Novas Tecnologias como: e-mail, charge, tirinha, história em quadrinhos, *twiter*, jornais, noticiários, blogs, revistas, romances, receitas, bulas, textos publicitários, filmes, novelas, contos, crônicas, notas musicais, sinais de trânsito, legendas etc., esses gêneros textuais na sua maioria se enquadram no grupo de textos escritos pertencentes a relatos antigos e pós-modernos que têm como função comunicar uma mensagem. Assim, os alunos podem se identificar com qualquer tipo de linguagem, seja, ela antiga ou moderna e que os aproximem do texto, pois a leitura de um texto é um ato de comunicação.

Conforme aponta Lajolo (1989, p.33) “quando o homem não era mais símio, mais ainda não era completamente humano, no começo de tudo, ele se maravilhou com a linguagem”, e é essa mesma linguagem que continua encantando ainda hoje, pois desde a origem da escrita, o homem desejava se comunicar porque a comunicação é algo maravilhoso. Além disso, Lajolo aponta também que “nos usos que o homem faz da linguagem, em inúmeras outras situações, as palavras

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

se tecem de forma a intensificar ou atenuar o relacionamento do homem com o mundo das coisas” (idem, p.35). Portanto, é a linguagem que compõe o texto, e este é o objeto da leitura que tem como objetivo comunicar uma mensagem.

Por ser o texto o objeto da leitura, é importante saber o que pensam alguns estudiosos sobre o assunto. Segundo Costa Val (1994, p.3) “pode-se definir um texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotado de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal”. Já que segundo esta autora, um texto é dotado de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal, e o objetivo dos autores é comunicar através da palavra fatos importantes por meio de uma linguagem dinâmica e significativa, criativa revestida de ficção, isso deveria atrair bastantes os jovens para o mundo da leitura. Ao tratar de uma linguagem significativa, Iser (*apud* LIMA, 1979, p.91) aborda “a linguagem é significativa quando, em vez de copiar o pensamento, se permite dissolver-se e recriar-se pelo pensamento”, e essa linguagem recriada compõe os textos para as leituras, os quais segundo Iser (idem) “o texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios no texto, que assim se oferece para ocupação pelo leitor”. É nesse vazio que o leitor se encontra dando sentido ao texto por meio de sua interação e criatividade.

E, assim é preciso ler para reverter o quadro de alienação, já que a leitura desperta interesse para a construção de uma sociedade mais justa, mais crítica e que não se deixa dominar. Sobre isso, Ezequiel Teodoro da Silva (1988, p.22-23) ressalta que “por ser um instrumento de aquisição e transformação do conhecimento, a leitura se levada a efeito crítica e reflexivamente levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar ao gênero humano a realização de uma plenitude (liberdade)”. A partir de tal pensamento entende-se que a leitura crítica e reflexiva promove ao ser humano a liberdade de consciência, de ação, e pensamento. E a criança ao ingressar na escola, ela inicia o processo de descoberta da leitura. Ainda segundo Ezequiel Teodoro da Silva (idem, p.58), essa descoberta é “fundada no aprender a ler” e esse aprender a ler será refletido no ler para aprender, para abrir os horizontes, para desenvolver o conhecimento intelectual, cultural que serão remanejados para a ação do indivíduo-leitor na sociedade. Além disso, o autor ainda aponta que “o ato de ler, via de acesso para a apropriação dos bens culturais registrados pela escrita [...]”, portanto, o homem não deve ser privado da apropriação desse bem que só foi revelado ao homem e que o diferenciou dos outros seres.

Para Ezequiel Teodoro da Silva (1988, p.22) “o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

compreensão do presente e do passado e em termos de possibilidades de transformação cultural futura”. Isso porque a leitura permite ao homem refletir sobre seus atos e sobre a sociedade em que está inserido e o impulsiona a mudar o contexto em que está envolvido. Pois este mesmo autor (idem, p.27) ressalta que “o acesso ao ler significa ter acesso à escola e nela obter os conhecimentos necessários à participação no mundo da escrita”.

Assim, cabe à escola ingressar o aluno no mundo da escrita, isso significa que o objetivo da escola deveria ser formar leitor que busque conhecimento através de obras literárias, leitores que investiguem a cultura por meio das histórias clássicas, mas também que desperte no aluno outras leituras que os insiram num contexto social. Será que a escola está conseguindo cumprir com seu papel? Pois ler nos dias de hoje é uma necessidade básica, assim como dormir e alimentar-se. Enquanto que no passado a leitura era sinônimo de posição superior em relação ao conhecimento que se adquire com a leitura, conforme aponta Zilberman (1991, p.19) ao relatar que:

em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação.

Portanto, lê-se para ter uma boa posição social de respeito na sociedade onde vive, lê-se para o enriquecimento cultural, lê-se para ter prazer, lê-se para interagir com os demais e são tantos os motivos para ler.

Lê-se para desenvolver a competência leitora e preencher as lacunas de um texto, para descobrir o que se encontra nas entrelinhas, nos intervalos, lê o que não está escrito para ter a capacidade de concordar e discordar do autor ampliando seus horizontes. Um verdadeiro leitor ao se envolver com um texto poder ressurgir dos sentimentos mais obscuros, pode despertar curiosidade, pode discutir com o autor, olhar ou não na mesma direção de quem escreveu, mas o que importa é criar, inventar, imaginar. Vejam quantos motivos para ler.

Por meio da leitura é possível conquistar alguns objetivos e dela tirar vantagens, pois com ela se consegue resolver grandes problemas porque desenvolve a imaginação e torna-se cada vez mais criativos. Monteiro Lobato, um dos mais respeitados escritores do Brasil, já dizia que “um país se faz com homens e livros”, isso significa dizer que em um país em que a leitura faz parte

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

da vida das pessoas, estas são mais respeitadas por deterem certo conhecimento e por desenvolverem mais estratégias para saírem do abismo e as tornam valorizadas, criativas, detentoras de um grande saber, são seres pensantes e para estas não restarão problemas, porque os problemas serão apenas “o motivo” para encontrar as soluções e soluções geniais, brilhantes.

E quando o leitor reconhece a importância de um livro, reconhecerá também o gosto pela vida e a importância da vida intelectual, do pensar, da saúde intelectual e saberá neste momento o quanto é triste uma mente vazia, sem criatividade, sem imaginação, sem solução para os pequenos problemas, pois aquele que não lê não aprende a viver porque não saberá fazer uma leitura nem da vida e nem do mundo em que está inserido e muito menos a leitura dos livros que favorecem uma preparação para uma leitura e interpretação do mundo, porque por meio dos livros pode-se decifrar a “mensagem” que está sendo transmitida através dos acontecimentos.

Lê-se também para ampliar os horizontes que os conduzir ao combate à alienação. Dessa forma a leitura pode representar uma ameaça para aqueles que desejam continuar tirando vantagens sobre um povo alienado, derrotado que se deixa conduzir por aqueles que os limitam e o filósofo Nietzsche já alertava a sociedade ao dizer que: sejamos grandes ou então servos e instrumentos dos fortes e poderosos e na sociedade fortes e poderosos são aqueles detêm o poder, seja ele o poder financeiro ou do argumento, pois quem não avança com a leitura, não descobre o seu potencial, não cria situações novas e serão sempre os executores dos projetos dos sábios exercendo a função de escravos, pegarão no pesado para concretizar aquilo que alguém idealizou.

Já que é possível se adquirir tantos benefícios com a leitura, então por que privar os nossos alunos dela? Para Ezequiel Teodoro da Silva (1988, p.16):

O problema da leitura no contexto brasileiro deve ser colocado, figurativamente falando, em termos de uma ‘lei-dura’, isto é, em termos de um conjunto de restrições agudas que impedem a fruição da leitura, do livro por milhões de leitores em potencial.

Essa “lei-dura” é composta segundo o autor por quatro parágrafos, e o primeiro destes, se limita à elite que tem acesso a livros, enquanto a “grande massa” fica resguardada dos livros, permanecendo em jejum das obras literárias por não poderem adquiri-las e nem tem acesso a elas nas escolas porque ainda a maioria das bibliotecas escolares do Brasil se encontram desativadas por falta de funcionários preparados para a função ou é mesmo por falta de livros. Até os

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

professores neste país com o que ganham ficam privados de possuir livros para enriquecer os seus conhecimentos e dinamizar o seu trabalho. Essa é a chamada “lei-dura” para a leitura em nosso país.

Como é possível observar são tantos fatores que atrapalham o andamento da leitura no Brasil que chega a assustar, e além dos que já foram citados é importante estar atento aos outros fatores para que o aluno desperte o gosto pela leitura, e tais fatores podem ser determinantes como apontam Bordini e Aguiar (1988, p.21) “como a idade, a escolaridade e o sexo também são fatores que determinam o interesse pela leitura”. Segundo as autoras, os fatores biológicos e, principalmente, culturais também contribuem para o interesse ou não pela leitura. Elas apontam” os interesses que variam de acordo com o nível sócio-econômico do público leitor” (idem). Bordini e Aguiar (idem p.13) afirmam que “numa sociedade desigual, os problemas de leitura se diversificam conforme as características de classe”. Portanto, são tantos os motivos para ler, não se pode permitir que os obstáculos impeçam de se plantar a sementinha da leitura, principalmente nesse mundo das tecnologias.

Conforme a Lei de Diretrizes e Base no item sobre o Ensino Médio podemos defini-lo e apontar suas finalidades de ensino na Educação Básica. Veja (LDB,1996, p.14-15)

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Seção IV,

Artigo 35 - o Ensino Médio, etapa final da Educação Básica com duração mínima de três anos e tem como finalidade:

I- a consolidação e o aperfeiçoamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II- a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz a se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III- O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

A compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica comporta jovens entre 15 a 18 anos. Faixa etária dinâmica e difícil de ser agradada, principalmente no que diz respeito à leitura. Por isso, a leitura nestas séries implica em oferecer ao aluno o máximo de sugestões de leitura, e é importante também discutir as leituras que os alunos desenvolvem fora da sala de aula. Nestas séries, não basta oferecer leitura para os alunos, mas é importante valorizar e discutir as leituras que eles gostam.

Assim, os alunos estarão cada vez mais abertos a realizarem as suas leituras e escrituras, aquilo que a escola aponta como importante para seu papel na sociedade levando em consideração a sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico como aponta o item 3 acima.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR COMO LEITOR.

Na escola, o professor de Língua Portuguesa, e conseqüentemente de literatura e produção textual, é o maior responsável pelo processo de desenvolvimento da leitura e da escrita do aluno na escola, pois é ele quem vai conduzir este barco.

A autora Lajolo (1989, p. 21) mostra que “a escola como uma das mais importantes instâncias que legitimam uma obra, não só como boa ou má literatura, mas como literatura ou não literatura”, e isso significa que a escola - instituição recebeu a responsabilidade de classificar os textos como de qualidade ou não. Com isso o professor de Literatura estava inserido no processo de orientar a leitura do aluno para que ele lesse apenas aquilo que era considerado de qualidade para os estudantes. Isso deixou de existir e os alunos pós-modernos já não têm mais essa preocupação e nem carregam estes objetivos, pois para eles são oferecidas muitas outras coisas neste mundo globalizado. O autor Ezequiel Teodoro da Silva (1988, p. 60) também ressalta que “a escola é um organismo de máxima importância para a formação do leitor, principalmente porque trabalha com o registro verbal cultural”, nesse caso a leitura se destaca porque ela contém toda carga cultural que não se encontra em nenhuma outra coisa. O professor leitor carrega a responsabilidade de formar leitor, e leitor crítico capaz de ir além do que está escrito, ele carrega a

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

responsabilidade de ajudar a desenvolver no aluno a competência leitora e as habilidades de ler determinados gêneros textuais e ter o compromisso de mostrar a necessidade de o aluno ler não só literatura, mas de saber usar todo tipo de texto em sua vida.

Para as autoras Bordini e Aguiar (1988, p.16) “a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra porque a realidade representada não lhe diz respeito”. Olhando por esta via, a escola é a grande responsável pela leitura do aluno e, o professor como leitor deve propor-lhe uma reflexão cultural e conduzi-lo a uma visão significativa dos textos para que as obras literárias lhes sirvam de reflexo da nossa cultura e os preencham de conhecimento e de prazer principalmente, se tratando de adolescente. Cabe então ao professor leitor, e escritor não apenas indicar as leituras, mas também de ler com os alunos, ler para os alunos e criar uma dinâmica de leitura envolvendo os mais variados gêneros textuais que abordam o mesmo tema ao longo da história, como também escrever textos em sala de aula, deixar a criatividade fluir conduzindo e direcionando a escrita. Quando isso acontece, o professor que lê e que escreve interagir com os alunos, o nível de confiança dos alunos aumenta e a aula passa a ser mais interativa.

As escolas sempre apresentaram aos alunos os clássicos do Ensino Médio, porém nem sempre puderam acompanhar com os alunos as leituras indicadas no curso devido à falta de uma biblioteca equipada com as obras literárias, e com isso os alunos eram privados de poder apreciar essas riquezas culturais. Mas ressalta Calvino (2004, p.13), “que a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos [...]” e que “a escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção [...]” (idem). É por este motivo que os profissionais – professores precisam continuar com propostas de leituras das mais diversas, inclusive dos clássicos como aponta o autor Calvino. E, certamente os professores enquanto leitores têm uma responsabilidade muito grande em formar cidadãos que tenham habilidades para ler os mais diversos gêneros textuais como propõem as Novas Tecnologias e que possam atuar com competência numa sociedade tão exigente e seletora como a nossa.

3.CONCLUSÃO

A leitura é a mola mestra para mudar de condição de vida ou posição social, ou mesmo de não se tornar um alienado. Isso é algo que já foi citado ao longo do texto por autores ao longo do texto como Zilberman, Ezequiel Teodoro e Martins. E o mais importante é que a escola ofereça ao aluno a oportunidade para desenvolver o gosto pela leitura, e que ele tenha o contato com os mais variados gêneros, pois o texto é o objeto da leitura. E com as Novas Tecnologias fica muito fácil para se oferecer em sala de aula todo tipo de leitura. Uma vez que se pode contar com bibliotecas virtuais, basta que o professor, aquele que conduz a navegação e que toma o leme em sala de aula, ser uma pessoa criativa e disposta a mergulhar nessa viagem com os alunos.

Portanto, a leitura é hoje um elemento fundamental para a vida do cidadão - o aluno, em especial o aluno do Ensino Médio. Ele, o aluno deve estar apto a realizar as mais ricas e variadas leituras, envolvendo os diversos gêneros que textuais que o mundo oferece – uma vez que o educando tenha um papel importante a desempenhar na sociedade. Para isso, ele precisa saber ler os diversos gêneros que estejam circulando na sociedade atual, sejam eles textos publicitários, ou literários, mas que possam fazer parte do dia a dia do jovem. Tomando a escola como principal responsável por desenvolver no aluno as competências leituras e a demais habilidades acerca da leitura. Portanto, cabe ao professor-leitor oferecer os mais diversos gêneros e tipos de textos para inserir o aluno-cidadão ao contexto social em que se encontra. E que estes três últimos anos da Educação Básica possam oferecer sociedade pessoas capazes de serem inseridas no mundo do trabalho.

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. E BORDINI, M^a da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - 1^a a 4^a séries*. Brasília. MEC / SEF, 1997. V.2, P.53.)

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras; 2004.

CORACINI, M^a José. *O jogo discursivo na leitura: Língua materna e língua estrangeira*. Martins Pontes, 2^a ed. SP, 2002.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. Ática. 8ª ed. SP, 2000.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura?* SP Editora Brasiliense. 11ª ed. Coleção primeiros passos (53) 1989.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Ed. Saraiva, São Paulo, 1996.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. SP: Martins Fontes, 7ª ed. 2000.

_____. *Leitura, ensino e pesquisa*. 2ª Ed. Pontes, Campinas. São Paulo, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. Brasiliense. 3ª Ed. São Paulo. 1984.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª edição. Pontes editores. Campinas, SP, 2015.

PENNAC, Daniel: *Como um romance*. Rio de Janeiro. Rocco, 1993.

SILVA, Ezequiel Teodoro. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre, 4ª ed. Mercado Aberto, 1988.

VAL, Mª da Graça Costa. *Redação e textualidade*. SP: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro (Orgs). *Leitura e perspectivas interdisciplinares*. Ática, São Paulo, 1991.

Recebido: 10/09/2018. Aceito: 10/12/2018.

Sobre a autora e contato:

Aricenseide Oliveira da Silva – Docente DE da Universidade Federal do Amazonas-UFAM

E-mail: ariceneidesilva@yahoo.com.br